

**T
E
R
R
O
R
B
R**

O MAIOR PRESENTE DE GIUSEPPE RICCI



UM CONTO DE NATAL



DARK

CESAR BRAVO

VOLUME

9



***ESSE SERÁ
O MELHOR NATAL
DA SUA VIDA!***



DARKSIDE



UM CONTO DE NATAL
DARK



FOR
CESAR BRAVO

UM CONTO DE NATAL
DARK

O MAIOR PRESENTE DE GIUSEPPE RICCI

CESAR BRAVO

Que se diga a verdade: ninguém nunca conseguiu agradar Giuseppe Ricci.

Que o morador da casa 25, Terra Cota, Noroeste Paulista se lembrasse, o primeiro presente que recebeu na vida foi um cavalinho de madeira. Era novinho, estofado em corvino, e ele queria uma bicicleta. Tudo o que aquele pangaré estacionário conseguiu foi irritá-lo. De fato, o cavalinho de pau o irritou tanto, que no auge de seus 5 anos Giuseppe ateou fogo nele — e por muito pouco não incendiou a casa toda (no último momento a mãe do pequeno Giuseppe apareceu com uma jarra de suco de laranja e apagou as chamas).

Os anos passaram depressa, e como Giuseppe imaginava, sua decepção com os presentes só foi aumentando.

O pior presente que recebeu de sua noiva, lolanda, foi uma calculadora. Bom Jesus, como ele odiou aquela merda. Pra começar, ele lecionava matemática, comia matemática, vomitava matemática; tudo o que ele não precisava em sua vida era de mais matemática. A cidadã poderia ter comprado uma cueca Zorba, uma calça de tergal, até mesmo um par de meias Long Life — que ele também detestava ganhar. Ainda assim ele se casou com ela, apenas para experimentar os incontáveis desapontamentos com os presentes que recebeu na festa.

Com lolanda, Giuseppe teve dois filhos. O mais novo, Joaquim, pareceu um bom presente até os dezenove anos, mas então começou a ter todo tipo de ideia ruim e levou um tiro da polícia. Viveu até os 37, preso a uma cadeira de rodas (sem que nenhum de seus amigos revolucionários gastasse a voz em um telefonema). A menina, Maria Carla, se estragou aos 22. Oh, bom Jesus... toda aquela conversa de liberdade... toda aquela raiva do pai e dos homens... E pra quê? Pra sair de casa, se casar com um bêbado e passar o resto da vida entre o tanque e a pia da cozinha.

Chovia lá fora e o azedume se assentava por dentro. Como muitos homens de coração de pedra, o presente mais duradouro de Giuseppe foi a própria solidão. Algo que, de fato, ele apreciava.

O som da chuva forte também era um bom presente, mas quanto tempo demoraria até que o céu cuspsse um trovão e o precipitasse em um infarto? Quanto tempo até que o telhado podre da casa cedesse a uma nova goteira? Não... nada de bom durava o suficiente.

E de todos os incidentes capazes de aniquilar a solitária paz de um velho em uma tarde de sábado, o mais inusitado chegou com um berro da campainha.

Vou ficar bem quietinho, se eu ficar totalmente parado, o filho da puta vai embora.

Não foi o que aconteceu. O filho da puta continuou com o dedo atolado na campainha e, como se isso não bastasse, o infeliz ainda socou a porta e berrou:

— Ô Giu! Eu sei que você tá aí! O carro tá na garagem e você não vai a pé nem na padaria. Ainda mais numa chuva dessas.

— Mas que filho da puta... — Giuseppe suspirou, tentando imaginar quem seria o príncipe da inconveniência estacionado à sua porta.

Foi um pouco doloroso sair da poltrona, as costas se estalaram, ele deixou um pequeno flato escapar do ventre. Antes da porta, checkou o olho mágico, mas com aquela chuva, a lente estava parecendo um catarro.

— Percival? Percí, é você mesmo? — Decidiu-se a abrir.

Percival ou não, o homem colocou o guarda-chuva ao lado da porta, deu um chega pra lá no dono da casa e foi entrando.

— Casa bonita, Giu. Pelo visto a velhice arrumou seu mau gosto. Lembro que você tinha fixação por camisa roxa... Que tipo de gente sai por aí vestido como um fundo de caixão?

— Tá, tá... Eu não era muito refinado. E você veio até aqui pra falar das minhas camisas? Depois de tanto tempo?

O homem deu uma esticadinha no paletó beginho, ergueu o cós da calça e se sentou na poltrona que há trinta anos pertencia a Giuseppe. O dono da casa ficou com a outra, que vivia coberta com uma tapeçaria mais feia que o rasgo do estofado sob ela.

— Com esse ano ruim que tivemos, pensei em rever um grande amigo no Natal. Se isso não for algum crime.

— Natal?

— É, Giu. Natal, nascimento de Jesus Cristo, renovação do espírito.

— Natal serve pro povo gastar dinheiro no comércio. Você tinha uma lojinha da última vez que nos falamos. Quando foi isso? Uns cinco anos?

— Na verdade fazem doze anos. Você tinha sofrido aquele AVC, tá lembrado?

— Não foi grande coisa.

Percival deixou um meio riso ganhar a boca. Antecipar as fraldas geriátricas pareciam grande coisa pra ele.

— A lojinha não existe mais, ela não sobreviveu ao Covid. E cadê a Iô? Vai me dizer que ela não aguentou você e finalmente chutou seu cu magro?

— A Iolanda tá morta.

Percival baixou os olhos, fez alguma coisa com as mãos. Raspou a garganta.

— Eu sinto muito.

— Também senti por um tempo. Mas sabe como é, hoje eu como a comida que eu quero, abro a porta da frente quando eu quero, o único inconveniente é limpar o banheiro, mas tem uma mocinha que faz isso por mim, ela vem uma vez por semana.

— Não sente falta dela? Da sua esposa?

— Meu pai dizia que só casando pra gente perceber que o casamento não faz falta. Acho que eu sou como ele. E você? Continua casado?

— Não. Eu matei a Lurdinha.

Giuseppe retesou as nádegas. Mas onde era visível, ele apenas apertou os lábios e economizou a próxima respiração.

— Descobri que a Lourdes me passava a perna com um ex-sócio. Já era passado, fazia uns trinta anos, mas eu fiquei doente quando encontrei as cartas. Ela guardou algumas, e quando precisamos dedetizar os armários embutidos, o mocinho da empresa encontrou um envelope atrás das gavetas, no fundo do móvel. Ela chegou a ficar grávida do indecente, mas tirou o pecado com um abortivo. Na época ela inventou uma viagem pra Águas de Lindóia, pra visitar a família.

— E... como foi que...

— Que eu matei ela? Negócio de ocasião. Eu guardei a notícia e o rancor por cinco anos, só esperando a hora certa. Quando o covid chegou, pimba! Uma noite eu esperei que ela dormisse, e a Lurdinha tomava Zolpidem pra pegar no sono, virava um zumbi...

— Envenenou ela? Esfaqueou?

— Não. Eu enfiei uma agulha de tricô pela nuca. Acho que foram umas três estocadas, não demorou muito. Limpei direitinho e o pessoal nem questionou. Enterro em caixão fechado. Foi super tranquilo.

— Acho que é melhor você ir. Minha filha está pra chegar, então...

Percival riu de verdade, riu até precisar limpar os olhos.

— A Marcinha não se importa se o pai está vivo ou morto, Giu. Eu andei de olho em você.

Houve um silêncio bastante indigesto entre os dois, uma ausência quebrada apenas pelos pingos de chuva. Giuseppe olhava insistentemente para a porta, Percival parecia esperar que ele se movesse, sustentando um certo sarcasmo nos olhos.

— Agradeço a visita. — Giuseppe fez menção de se levantar.

— Sabe do que eu mais me lembro em relação a você?

— Da nossa amizade?

Percival riu novamente, dessa vez mais contido.

— Você era uma pessoa amarga — respondeu. — Eu me lembro que todo presente era ruim, e toda comemoração era inoportuna. Deus do céu, você odiava seu próprio aniversário.

— Eu não tinha motivo pra comemorar. Ainda não tenho.

Percival se levantou.

— Olha só pra essa casa. É Natal e eu não vejo um único enfeite, um único vestígio de felicidade. Não tem comida no forno, nada de pinheiros, sem guirlandas na sua porta. Se é mesmo assim tão ruim estar vivo, por que continuar?

— Porque é problema meu.

— Mas é problema *meu* alguém como você ter a saúde que eu não tenho. E muito pior: não dar valor a ela.

— É melhor você ir embora — Giuseppe se encorajou a levantar.

— Não. Ainda não. — Percival tateou a parte interna do paletó, talvez estivesse armado.

Giuseppe voltou a se sentar.

— Você foi o melhor amigo que eu já tive, Giu. E eu sei disso com tanta certeza porque minhas memórias de repente começaram a ocupar o lugar da realidade, do presente.

— É o preço da velhice.

— Não, Giu. É a cobrança do velho alemão, do senhor Alzheimer. Eu já andava sentindo alguma coisa errada, mas o diagnóstico chegou no mês passado. Passei por alguns dias difíceis, me perdi no centro, então tomei a decisão de acabar com os anos terríveis que me aguardam.

— E o que eu tenho a ver com isso, Percival?

Percival se levantou de novo, retirou um pequeno revólver do bolso interno do paletó e explicou.

— Você recebeu uma caixa de chocolate pelo correio, eles me confirmaram pelo telefone. O mundo moderno é uma benção, não é mesmo? Lembra como era antes? Aquela caixinha bonita é o meu presente

de despedida. Obviamente, eu sabia que você não abriria a caixa, sabia que você detestaria. Onde eles estão? Já jogou fora?

— Na cozinha.

— Acho que vamos precisar deles, Giu. — Percival apontou o revólver. — Agora.

Giuseppe não demorou nada, voltou à sala e entregou a caixa ao amigo.

— A caixa tem doze bombons, Giu, todos eles são deliciosos. Amarula, trufados, licorosos, tem até chocolate sem adição de açúcar.

— Eu gosto de açúcar.

— Isso não vem ao caso. Mas é importante saber que três deles estão envenenados.

— Jesus Cristo.

Percival apanhou um deles e comeu, em sinal de boa vontade. Lambeu os dedos e levou um minutinho para dizer: — Parece que suas chances diminuíram com esse aqui, mas elas ainda estão boas.

— Veio me matar?

— Não Giu, na verdade é exatamente o contrário. Vim até aqui pra libertar meu grande amigo da vidinha de bosta que ele leva. Se isso não é um presente? Puta que pariu que é!

— Você está transtornado. Levou um chifre e perdeu a noção. Eu não vou comer. Eu odeio chocolate. Chocolate é o presente mais impessoal e genérico que já inventaram! Chocolate é quase uma provocação!

— E eu não sei? Mas meu amigo, eu vou ficar aqui, observando você tremer com esses papezinhos laminados nas mãos. Vou ficar aqui enquanto você enche a sua boca com chocolate, sem saber se vai morrer ou não. Vou estar bem aqui, seu melhor amigo, sentado na sua sala, enquanto você perde o controle da urina de tanta ansiedade. E se você morrer, eu vou estar aqui para acender a primeira vela e fazer uma oração, vou inclusive ligar para o plano funerário.

— Eu não tenho um plano funerário.

— Mas eu tenho. E posso transferir pra você. Agora vá em frente, sirva-se. Eu não quero dar um tiro no meu melhor amigo no dia de Natal.

Giuseppe apanhou um bombonzinho amarelo e começou a chorar. Colocou de volta no plástico da caixa.

— Eu não mereço isso. Não sou uma pessoa ruim.

— Ninguém tem essa certeza até estar entre a cruz e a espada. Nós somos como esses bombons, meu amigo. Temos nossas embalagens, nossos sabores, alguns de nós têm seu próprio veneno. Nesse dia tão feliz vou apresentar você com o que você sempre foi. A cada mordida, você vai descobrir se a vida foi um pequeno presente ou um grande castigo.

— E seu eu viver?

— Eu vou embora. E você finalmente vai perceber a doçura de estar vivo.

Giuseppe desembalou um bombom vermelho, enfiou na boca e suprimiu uma golfada de vômito.

Percival sorriu e engatilhou o revólver.

— Não me agradeça, Giu. Esse será o melhor Natal de sua vida.

CESAR BRAVO nasceu em 1977, em Monte Alto, São Paulo. Suas linhas, recheadas de suspense, exploram o bem e o mal em suas formas mais intensas, se tornando verdadeiros atalhos para os piores pesadelos humanos. Pela DarkSide®, publicou *Ultra Carnem*, *VHS: Verdadeiras Histórias de Sangue*, organizou a *Antologia Dark*, em homenagem a Stephen King e, também para o mestre, traduziu *The Dark Man: O Homem que Habita a Escuridão*, poema do autor inédito no Brasil. Seu último livro, *DVD: Devoção Verdadeira a D.* foi finalista do prêmio Jabuti em 2021.

UM CONTO DE NATAL
DARK



DARKSIDEBOOKS.COM